

Edita:

Asociación Universitaria de Profesores de Didáctica
de las Ciencias Sociales (AUPDCS)

<https://publicaciones.unex.es/index.php/reidics>




<https://doi.org/10.17398/2531-0968.13.09>

O bairro onde moro: tecendo conhecimentos geográficos pela construção de mapas afetivos

The neighborhood where I live: building geographic knowledge through affective maps

Silvia Letícia Costa Pereira Correia  0000-0002-9018-2340

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP, Brasil.
sil.lete.arquivos@gmail.com

Andrea Coelho Lastória  0000-0002-0060-0116

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP, Brasil.
lastoria@ffclrp.usp.br

Fechas · Dates

Recibido: 14 de mayo de 2023

Aceptado: 18 de junio de 2023

Publicado: 30 de septiembre de 2023

Financiación · Funding

Ningunha.

Cómo citar · How to cite

Correia, S. L., & Lastória, A. (2023). O bairro onde moro: tecendo conhecimentos geográficos pela construção de mapas afetivos. *REIDICS*, 13, 139-158. <https://doi.org/10.17398/2531-0968.13.09>

Resumo

Este artigo discute a produção de conhecimentos geográficos por jovens moradores de periferias urbanas, a partir da construção de mapas afetivos. O texto, tributário de um estudo de pós-doutoramento, contou com a participação de quinze jovens selecionados a partir da técnica 'bola de neve'. Para a coleta dos dados da pesquisa recorreremos à metodologia proposta por Bomfim (2010), denominada mapas afetivos, que utiliza desenhos, sentimentos e qualidades além de outros elementos discursivos. Destes emergiram categorias a exemplo do pertencimento, atração, insegurança e destruição e que originaram metáforas reveladoras da relação de afetividade sujeito-lugar. As metáforas do *bairro-história*, *bairro-acolhimento*, *bairro-festa*, *bairro-desarrumação* e *bairro-comércio* sugerem uma articulação com conhecimentos geográficos potencialmente produzidos na relação no/com/o bairro. A discussão evidencia que para entender o bairro onde moro e a tessitura dos conhecimentos geográficos pela construção de mapas afetivos, há que se investir no enredamento, há que se apostar num ensino de Geografia como expressão da vida cotidiana extrapolando a objetividade e as subjetividades dos sujeitos corporificados, assinalados no corpo/mente/sentimento dos atores sociais com o espaço que edificam. Os conhecimentos geográficos potencialmente emergidos destas metáforas traduzem-se em sentidos, produções e significações dos sujeitos e evidenciam tessituras múltiplas de conhecimentos enredados no lugar convergindo para a construção de aprendizagens.

Palavras-chave: bairro; lugar; conhecimentos geográficos; mapas afetivos; juventudes; periferias urbanas.

Resumen

El artículo ha discutido la producción de conocimientos geográficos realizados por jóvenes de periferias urbanas, el trabajo parte de la construcción de mapas afectivos. El texto resulta de una investigación de posdoctorado que ha contado con la participación de quince jóvenes seleccionados a partir de la técnica de la bola de nieve. Para recolección de datos de la investigación recurrimos a la metodología propuesta por Bomfim (2010), denominada mapas afectivos, que ha utilizado dibujos, sentimientos y cualidades bien como otros elementos discursivos. Han surgido categorías como pertenencia, atracción, inseguridad y destrucción que han dado origen a metáforas reveladoras de la relación de afectividad sujeto-lugar. Las metáforas del *barrio-história*, *barrio-acogimiento*, *barrio-fiesta*, *barrio-desarreglo* y *barrio-comercio* sugieren una articulación con conocimientos geográficos producidos en relación en el, con el barrio. La discusión pone en evidencia que para comprender el barrio donde uno vive y las tesituras de los conocimientos geográficos de los mapas afectivos, hay que invertir en una didáctica de la Geografía como expresión de la vida cotidiana. Los conocimientos geográficos producidos se han traducidos en sentidos y significados de los sujetos en el lugar lo que puede desarrollar nuevos procesos de aprendizajes.

Palabras clave: barrio; lugar; conocimientos geográficos; mapas afectivos; juventudes; periferias urbanas.

Abstract

The following article proposes a discussion on the production of geographic knowledge by young people living in urban peripheries, based on the construction of affective maps. The text, derives from a post-doctoral study, included the participation of fifteen young people selected using the 'snowball' technique. To collect research data, we used the methodology proposed by Bomfim (2010), called affective maps, which uses drawings, feelings and qualities in addition to other discursive elements.

Categories emerged from these, such as belonging, attraction, insecurity and destruction, from which rise metaphors revealing the subject-place relationship of affectivity. The metaphors of history-neighborhood, host-neighborhood, party-neighborhood, clutter-neighborhood and commerce-neighborhood suggest an articulation with geographical knowledge potentially produced in the relationship in/with/the neighborhood. The discussion shows that to understand the neighborhood where I live and the organization of geographic knowledge through the construction of affective maps, it is necessary to invest in entanglement, it is necessary to focus on teaching Geography as an expression of everyday life, extrapolating the objectivity and subjectivities of embodied subjects, marked in the body/mind/feeling of social actors with the space they build.

The geographical knowledge potentially emerging from these metaphors translates into meanings, productions and meanings of the subjects and highlights multiple fabrics of knowledge entangled in the place, converging to the construction of learning.

Keywords: neighborhood; place; geographic knowledge; affective maps; youth; urban peripheries.

Introdução

Desde os primórdios da humanidade o ser humano demonstra, através de ações diversas, seu anseio em conhecer: a descoberta do fogo, a invenção da roda, o aparecimento da linguagem, a criação da escrita, a domesticação dos animais, o progresso da agricultura, entre outros, são avanços que revelam uma propensão humana para aprender, fruto, ainda, da criatividade e do ato inventivo - reflexos da capacidade cognitiva, inerente ao ser humano. Esta disposição influenciou, ainda, o aparecimento e desenvolvimento de diversos conhecimentos posteriormente agrupados em áreas como a Geografia, que ao longo do tempo passou por transformações, tendências e formulação de conceitos que culminaram em sua estruturação como ciência.

Segundo Carvalho Filho (2022, p. 8), "a Geografia possui uma das funções de fazer com que o ser humano reconheça sua identidade e seu pertencimento no mundo globalizado". Isto nos remete à formação cidadã proporcionada pela ciência geográfica que passa a considerar o contexto, as ações antrópicas, seu cunho político, a compreensão e intervenção da/na realidade social, como ponto de partida e de chegada para reflexões, para outros entendimentos acerca de questões diversas. Nesta configuração, ganha destaque o estudo do local relacionado ao global sendo que no campo disciplinar específico da Geografia, é possível, conforme anunciam Lastória e Mello (2008, p. 32), "(...) instrumentalizar o aluno para se posicionar perante as dificuldades de sua própria vida. (...) comparar o que acontece no seu lugar com outros lugares, identificar as especificidades de cada lugar e as identidades de seus moradores.". Neste sentido, o bairro, entendido como lugar¹, é o 'palco' onde as práticas sociais se efetivam, onde o cotidiano se processa, onde construímos nossas experiências.

Dialogando com esta perspectiva consideramos a dinamicidade do espaço que entendemos ser compartilhado e socialmente produzido. O que nos leva à ideia da tríade do concebido,

1. Categoria geográfica que se refere ao espaço vivido, que está para além de uma mera referência empírica ou de localização. Refere-se à articulação da espacialidade com as relações sociais estabelecidas entre seres humanos e os elementos que compõem esse espaço (Azevedo e Olanda, 2018, p. 139), através da apropriação pela corporeidade das ações humanas.

percebido e vivido (Lefebvre, 2006). A dimensão do concebido está relacionada ao espaço racionalizado, pensado e assim caracteriza-se por ser abstrato e idealizado. Alves (2019, p. 556) assevera que a dimensão do concebido é,

(...) o espaço planejado, instituído, aquele das normas técnicas (que são apresentadas como apolíticas), ou seja, um espaço que normatiza o que os cidadãos podem ou não fazer, que é apresentado com neutro, como se não tivesse sido planejado para garantir a realização de uma estratégia de reprodução que exige, no capitalismo, não só a manutenção da desigualdade socioespacial, como, em geral, de seu aprofundamento e, ao mesmo tempo, busca o controle social.

Ao referir às periferias urbanas subentende-se a desigualdade socioespacial assim como a intencionalidade política vinculada à ideia de segregação. Isto porque as construções existentes nestas localidades, geralmente são resultantes, não de um planejamento articulado com as científicas, mas da necessidade eminente de ocupação do espaço urbano ainda que de forma desordenada. Ou seja, é um espaço concebido de forma diferenciada da idealização de geógrafos, urbanistas, arquitetos, entre outros. Ainda assim há uma concepção forjada pelas pessoas sendo que as construções desordenadas fazem parte do processo de produção desse espaço.

A dimensão do percebido refere ao aspecto psicológico do sujeito. Significa dizer que o espaço é reproduzido cognitivamente e isso é demonstrado em ações no espaço físico-material/concreto. Segundo Souza (2009) esta dimensão se constitui pelos desdobramentos de práticas espaciais oriundas de atos, valores e relações específicas de cada formação social. Ainda de acordo com o autor, a dimensão do percebido atribui às representações mentais materializadas, funcionalidades e usos diversos, que correspondem a uma lógica de percepção da produção e da reprodução social. Nesta dimensão estão entrelaçadas as dimensões do concebido e do vivido.

A dimensão do vivido refere às práticas, às relações, ao social, às experiências cotidianas, a ação e à própria vida. Esta dimensão estrutura a realidade cotidiana através das práticas espaciais com as quais os sujeitos ao decifram o espaço, constroem a realidade urbana. No dizer de Certeau, Giard e Mayol (2013, p. 45), o bairro, dimensão do vivido é:

(...) um objeto de consumo do qual se apropria o usuário (...). Aí se acham reunidas todas as condições para favorecer esse exercício: conhecimento dos lugares, trajetos cotidianos, relações de vizinhança (política), relações com os comerciantes (economia), sentimentos difusos de estar no próprio território (etologia), tudo isso como indícios cuja acumulação e combinação produzem, e mais tarde organizam o dispositivo social e cultural segundo o qual o espaço urbano se torna não somente o objeto de um conhecimento, mas o lugar de um reconhecimento.

Esta dimensão revela em si o espaço criativo da mudança. E é no sentido do (re)conhecimento, da insurreição de usos contextuais e da corporeidade das ações humanas que vislumbramos a potencialidade da construção de estratégias de luta, da subversão e transformação da realidade social. Aliás, todas as experiências que temos no lugar, deixam marcas que nos aproximam ou nos distanciam, ampliam as possibilidades, nos inserindo em redes de sentidos, produções e significações tecidas cotidianamente através de interações e compartilhamentos. É o sentimento coletivo dos habitantes e a coexistência de diversos elementos que conferem ao bairro uma individualidade.

Para Tuan (1980), a concepção de lugar parte de experiências e vivências dos sujeitos, sendo que por meio da utilização dos sentidos atribuem significados a um fenômeno específico, a uma determinada situação, construindo sua percepção da realidade. Ou seja, para Tuan (1980, p. 10), “experienciar é aprender; significa atuar sobre o dado e criar a partir dele”. Desta maneira, considerando o campo das vivências cotidianas, “experiência”, para o autor é um “termo que abrange as diferentes maneiras das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade” (Tuan, 1980, p. 9). Assim, podemos vivenciar diretamente um determinado fenômeno por meio dos nossos sentidos e nossas percepções e, de forma indireta, por meio das nossas relações no coletivo.

Assim, o estudo aqui proposto buscou estabelecer conexões entre o estudo do bairro entendido na perspectiva do lugar, conforme já mencionado, com os conhecimentos geográficos que se referem aos conhecimentos produzidos no espaço vivido do bairro e que necessariamente não são instrumentais e/ou utilitários mas, remetem à ideia de uma articulação às “(...) práticas socioespaciais que contribuíram para ampliação das noções geográficas retiradas da conexão estabelecida entre *ser humano* e a natureza” (Trindade, 2021, p. 237). Neste sentido as formas de habitar, de se apropriar, de locomover-se e orientar-se no espaço do bairro, entre outros, constituem formas de relacionar-se e, conseqüentemente, conhecer.

Agrega-se também um elemento fundamental a ser mencionado quando falamos de lugar, e que o caracteriza: a afetividade. Mesmo porque lugar não é qualquer localidade, mas aquela que apresenta significação afetiva seja para um grupo de pessoas seja para apenas uma pessoa – por isso a escolha pelo bairro. E este 'valor' afetivo se apresenta, justamente pelo envolvimento emocional estabelecido entre o sujeito e o lugar, a partir de sua implicação. Como nos diz Heller, (1989, p. 17), “sentir significa estar implicado em algo”. E como complementa Bomfim (2010, p. 55) quando a autora nos diz que a afetividade são todos “os sentimentos e emoções que, em seu conjunto, demandam disposições afirmativas ou negativas, positivas ou negativas, (...) em relação ao espaço construído e vivido”. Deste modo consideramos o conjunto de elementos materiais e imateriais, que demonstram uma ligação de afetividade, de conhecimento e de pertencimento dos atores sociais com o bairro.

Assim é que este artigo, tributário de um estudo de pós-doutoramento, discute a produção de conhecimentos geográficos por jovens moradores de periferias urbanas, a partir da construção dos mapas afetivos. É importante dizer que a ideia de periferia aludida neste escrito converge para o entendimento de Jesus (2021, p. 66) que a considera “como o lugar a partir do qual é possível interrogar a questão social do espaço na cidade, uma vez que expressa de forma urgente a crise urbana, o processo de precarização social e as desigualdades”. Ao falar de juventudes, buscamos superar a categorização etária, e enfatizamos o contexto social vivido do bairro. Para Trancoso e Oliveira (2014, p. 267), “falar de juventudes, no plural, permite considerá-las como uma das alternativas de simbolizar graficamente uma opção conceitual, de explicitar a adesão à ideia de sua pluralidade e diversidade”. Entende-se, portanto, que a condição juvenil é plural e culturalmente localizada.

Dito isto, o estudo parte da seguinte questão norteadora: como os mapas afetivos potencializam a produção de conhecimentos geográficos? Está estruturado com esta parte introdutória,

além de descrever a metodologia utilizada e apresentar a discussão dos resultados encontrados. Por fim, apresenta as considerações finais e as referências que subsidiaram este estudo.

A construção dos mapas afetivos como metodologia

Os mapas afetivos são aqui entendidos como uma construção metodológica proposta por Bomfim (2010). A autora considera que o lugar "é um território emocional e que os afetos são expressão e dimensão dos significados" (Bomfim, 2010, p. 96), e assim propôs um instrumento que amplia a teoria dos mapas cognitivos investigando a dimensão da afetividade, com base nos pressupostos da Psicologia Social, da Geografia e da Psicologia Ambiental.

A autora informa que a finalidade deste instrumento é ser um método de investigação dos afetos em relação ao ambiente (Bomfim, 2010) e por se tratar de algo imaterial, sugere encontrar meios para acessar estes afetos, que estão "refletidos na realidade da vida cotidiana, criados e recriados a cada dia pelos habitantes da cidade" (Bomfim, 2010, p. 137). E muito embora a autora faça referência à cidade, neste artigo estamos considerando o bairro como a localidade onde são criadas e recriadas a vida cotidiana. Neste sentido, o sujeito experiencia e vivencia o espaço físico (espaço vivido), o percebe psicologicamente (espaço percebido) e o concebe de diferentes formas (espaço concebido). Vale dizer que os mapas afetivos revelam a tríade aqui descrita como entrelaçamentos de ações, práticas, sentidos, significações, criatividades, afetividades, entre outros. Para além, os mapas afetivos manifestam, em certa medida, a base imaterial do espaço considerando que "a produção do espaço implica não só a produção material, mas também de vida, de cultura, do modo de ser urbano." (Alves, 2019, p. 552), logicamente considerando as particularidades dos lugares e suas singularidades.

Como técnica projetiva, os mapas afetivos utilizam elementos tais como desenhos e palavras, que em conjunto com outros elementos discursivos auxiliam na apreensão dos afetos. Assim, a combinação de um conjunto de elementos como estrutura, significado, qualidade, sentimento, metáfora e sentido, forma os mapas afetivos. A estrutura refere-se a como o desenho foi apresentado, o que pode ocorrer de duas formas: como mapa, onde são evidenciados caminhos, limites, monumentos ou pontos significativos do lugar; ou expresso através de uma analogia, de uma metáfora. O significado faz referência à explicação dada pelo respondente sobre o desenho produzido. A qualidade diz respeito aos atributos apontados e ditos pelos respondentes, sobre o desenho. O sentimento refere-se à expressão afetiva suscitada pelo desenho e verbalizada pelo respondente durante a explicação acerca da imagem produzida. Já a metáfora é um elemento que tem por base uma comparação, como afirma Bomfim (2010, p. 146): "caracteriza-se por uma nova síntese de compreensão do sentido da comunicação complexa do afeto por meio de analogias". O sentido é a interpretação dada pelo pesquisador à articulação de sentidos entre as metáforas e outras dimensões emergidas durante a construção dos mapas afetivos.

A pesquisa contou com a participação de quinze jovens moradores do bairro da Engomadeira que foram selecionados através da técnica chamada 'bola de neve' formada a partir das redes sociais de alguns jovens que ao aceitarem fazer parte do estudo, indicaram outros. De acordo com Vinuto (2014, p. 203), esta "é uma forma de amostragem não probabilística, que utiliza cadeias de referência". Por uma questão ética, os respondentes foram identificados neste

artigo como J1, J2, J3... J15. Na proposta de construção dos mapas afetivos os jovens foram chamados separadamente tendo sido acordado o sigilo acerca da atividade realizada. Foi oferecido folha de papel em branco, caneta, lápis, lápis de cor e hidrocor de cores variadas sendo também solicitado aos participantes que desenhassem o bairro onde moram - a Engomadeira, destacando o que lhes parecesse mais significativo, importante ou que no seu entendimento, representasse o bairro. Concluída a produção, foi solicitado que falassem sobre seu desenho (significado do desenho). Em seguida, foi pedido que os jovens pensassem sobre o bairro e dissessem algumas de suas qualidades. Feito isso, foi solicitado que os respondentes mencionassem os sentimentos evocados a partir do desenho feito (expressão das emoções). Por fim, foi pedido que os jovens fizessem uma comparação tendo como exemplo: *o bairro da Engomadeira se parece com... porque...* Ao final, o sentido foi registrado pelas pesquisadoras.

Os mapas afetivos possibilitam a análise qualitativa e quantitativa dos dados produzidos com a pesquisa. No entanto, no caso específico deste estudo, foi dada ênfase no tratamento qualitativo, feito “a partir de uma análise de conteúdo dos desenhos, dos sentimentos e das palavras-síntese que nos levam à formação de categorias” (Bomfim, 2010, p. 140). A partir das respostas obtidas e dos desenhos feitos, seguimos os passos recomendados pela autora para a análise de conteúdo, a saber: pré-análise, codificação e categorização. Segundo Bomfim (2010, p. 152), “a este processo de articulação de sentidos, denominamos de construção de mapas afetivos e foi a partir dele que formamos as imagens” do bairro da Engomadeira, de onde emergiram as seguintes categorias: pertencimento, destruição, atração e insegurança.

A categoria pertencimento faz referência aos vínculos estabelecidos entre as pessoas e o bairro, entre pessoas e pessoas, que revelam uma identificação com o lugar. A categoria destruição faz referência a questões pouco agradáveis, que deixam os jovens desconfortáveis. Já a categoria atração indica pontos fortes do bairro e que costumam atrair as pessoas de forma positiva. A categoria insegurança reporta-se aos vínculos sociais estabelecidos de maneira negativa relacionado à questão da violência urbana. Na continuidade, apresentamos algumas metáforas que emergiram dos mapas afetivos e que se vinculam às categorias apresentadas com o estudo, buscando articulação com os conhecimentos geográficos potencialmente produzidos no/com/o bairro.

Metáforas afetivas e a emergência de conhecimentos geográficos

As metáforas afetivas foram elaboradas pelos jovens respondentes com a pesquisa. Como já afirmado, é um dos elementos constitutivos dos mapas afetivos, sendo que Bomfim (2010, p. 137) destaca que:

os desenhos e as metáforas são recursos imagéticos reveladores dos afetos que, juntamente com a linguagem escrita dos indivíduos, nos dão um movimento de síntese do sentimento. O desenho é a criação de uma situação de aquecimento para a expressão de emoções e sentimentos e a escrita traduz a dimensão afetiva do desenho. As metáforas são recursos de síntese, aglutinadores da relação entre significados, qualidades e sentimentos atribuídos aos desenhos.

Desta forma, inseridos em cada categoria, destacamos algumas analogias e/ou metáforas feitas pelos jovens, a exemplo da metáfora *bairro-história*, metáfora *bairro-acolhimento*, metá-

fora *bairro-festa*, metáfora *bairro-desarrumação*, metáfora *bairro-conflito* e a metáfora *bairro-comércio*, mencionando possíveis conhecimentos geográficos produzidos na relação estabelecida no/com/o bairro.

a) Metáfora *bairro-história*

Esta analogia relaciona-se à categoria pertencimento e faz referência aos vínculos estabelecidos que revelam uma identificação com o lugar. O sentimento de pertencer possui relação com a crença na existência de uma origem comum dos indivíduos, que se percebem como uma coletividade, expressa por meio de valores, aspirações, linguagem, das relações sociais estabelecidas, entre outros (Bomfim e Correia, 2022), sendo que a história do bairro agrega ao pertencimento a questão da construção de uma identidade. Nesta metáfora, estão incluídas palavras como histórias, família, ancestralidade, mencionadas durante a elaboração dos mapas afetivos.

Esta metáfora emergiu em alguns mapas afetivos produzidos, a exemplo do que foi feito por J1 (figura 1). Em seu desenho, a jovem retrata uma das versões difundidas entre os moradores da localidade, para explicar o nome do bairro.

Figura 1
As lavadeiras.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2023.

Seu mapa afetivo articula as seguintes respostas:

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora
J1	Metafórico	As lavadeiras que deram nome ao bairro.	Histórico.	Nostalgia.	Comparo o bairro a um grande livro de história, em que podemos conhecer a nós mesmos.

A jovem retratou em seu mapa afetivo uma das versões existentes da história do bairro e que as pessoas utilizam para justificar o nome Engomadeira: *eu representei as lavadeiras que antigamente tinham aqui na Engomadeira. Elas lavavam roupa para o Quartel do 19 BC. Ainda hoje existem mulheres aqui que lavam roupa de ganho e pra mim isto é representativo do bairro. E a*

jovem prossegue afirmando: *comparo o bairro a um grande livro de história, em que podemos conhecer a nós mesmos*. Ou seja, emerge aqui uma questão identitária.

No mapa afetivo construído pela jovem, ela retrata uma questão histórica do bairro, o que nos leva a pensar de forma interdisciplinar considerando que embora a História e a Geografia sejam disciplinas abordadas na escola de modo separado, existe uma interconexão entre estas duas áreas do conhecimento. Não é possível conceber História sem Geografia e vice versa. A relação espaço-temporal é basilar para entendermos a articulação de uma sociedade com um território.

Sartorio, Godoy e Junta (2011, p. 02) dizem que ao traçar "uma relação entre a História e a Geografia na prática, destacam-se as mudanças e permanências, diferenças e semelhanças na localidade". Esta ideia é corroborada por Carneiro e Matos (2012, p. 33), quando informam que "natureza e sociedade relacionadas, situadas no espaço, constituem objeto precípuo do campo disciplinar da Geografia, que possui uma profunda articulação com um amplo conjunto de ciências afins. Com a História, as relações são muito antigas".

Com relação aos conhecimentos geográficos inferidos, considerando a metáfora já explicitada, mencionamos: a apropriação e a transformação do espaço geográfico, as ações antrópicas, o crescimento populacional e a paisagem natural.

b) Metáfora *bairro-acolhimento*

Outra metáfora relacionada à categoria pertencimento é a do *bairro-acolhimento*. Aqui estão incluídas palavras como família, união, acolhimento, solidariedade, amizade - com destaque para as relações estabelecidas entre as pessoas em diversas atividades realizadas no bairro, desde o auxílio mútuo, uma conversa no final da tarde na porta de casa, empinar pipa e jogar futebol com os amigos, como retratado por J9 e J5, figuras 2 e 3, respectivamente.

Alguns dos respondentes informaram que consideram que o *acolhimento é o principal de tudo* (J3). Já o respondente identificado como J5, disse que o acolhimento é o que mais gosta no bairro, ao informar que *o que mais gosto é do acolhimento das pessoas*. O acolhimento também apareceu relacionado à questão da solidariedade, conforme a fala da respondente J9: *a recepção das pessoas do bairro é bem tranquila. São pessoas que se unem quando é necessário fazer as coisas. Eu acho isso muito importante*.

Figura 2
O jogo.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2023.

O desenho feito por J9 foi complementado pelas seguintes informações que compõem seu mapa afetivo:

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora
J9	Metafórico	Crianças brincando na rua do bairro.	Familiar e Aconchegante.	Amizade e Carinho.	O bairro se parece com uma grande família.

Uma das características de bairros periféricos é a relação de vizinhança estabelecida entre as pessoas do lugar. Alguns pesquisadores, a exemplo de Zaluar e Ribeiro (2009); Bomfim (2004) demonstram, como resultados de suas pesquisas, que em todo bairro violento com problemas de infraestrutura, há uma aproximação de forças em comum que marca a solidariedade entre os atores sociais. Ou seja, ante a violência existente, as relações de vizinhanças são mais coesas e criam pertencimento.

Farias e Pinheiro (2013, p. 28) mencionam a ideia de "vizinhanças vivas" que para eles,

são vizinhanças com uma intensa dinâmica social e cultural, onde podemos encontrar uma diversidade de tipos sociais e de relações locais, a sociabilidade em sua forma lúdica ou pura (Simmel, 2006), além de um suporte social diário. Nelas há um investimento emocional no local, de forma que os moradores interagem com seu espaço físico em eventos, brincadeiras, simples conversações e têm o seu vizinho não como um estranho familiar, mas como um confidente e participante ativo de suas vidas (Min & Lee, 2006; Rivlin, 1987).

Esta ideia corrobora com o mapa afetivo de J5, que informa que muitas pessoas na rua onde mora colocam cadeiras no final da tarde, na porta de casa para conversar ou para olharem as crianças brincando e empinando pipa. Para ela *o bairro é como uma rede social, só que não é virtual. É de verdade!* (figura 3). A jovem destaca a união das pessoas e a harmonia estabelecida entre vizinhos.

Figura 3

Lazer.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2023.

Seu mapa afetivo articula as seguintes respostas:

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora
J5	Metafórico	<i>Final de tarde na Engomadeira.</i>	<i>Harmonia.</i>	<i>União.</i>	<i>O bairro é como uma rede social, só que não é virtual. É de verdade!</i>

Os conhecimentos geográficos que potencialmente entendemos que se vinculam a esta metáfora são: o modo de vida em diferentes lugares, as características dos lugares de vivência, a rede urbana, as diferenças étnico-raciais e as étnico-culturais, as desigualdades, o território e as territorialidades.

c) Metáfora *bairro-festa*

A metáfora bairro-festa se relaciona à categoria destruição que traduz, entre outras questões, a depredação do bairro e algumas características que geram desconforto como desarrumado, barulhento e movimentado. As palavras que se relacionam a esta metáfora são: descaso, insatisfação, incômodo, paredão, farra/diversão, poluição. Os relatos que a compõem, indicam a questão da movimentação diária existente no bairro, o trânsito intenso de carros, motos, ônibus, bicicletas e pessoas, que tomamos como exemplos da dinâmica existente. Foram destacadas pelos jovens, as festas do tipo paredão. Vinculam-se também a esta metáfora, questões ambientais como a poluição sonora e ambiental, resultado das festas que ocorrem na comunidade.

O desenho feito por J2, evidenciado na figura 4, mostra-nos algo representativo da referida metáfora.

Figura 4
O trio elétrico.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2023.

Seu mapa afetivo articula as seguintes respostas:

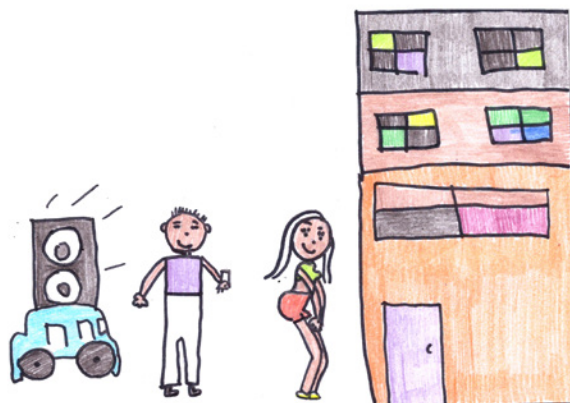
Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora
J2	Metafórico	<i>Desenhei o Paredão.</i>	<i>Animado.</i>	<i>Paz e confusão.</i>	<i>Comparo o bairro a um show devido a tanta gente.</i>

A jovem compara o bairro a um show por conta do número de pessoas que frequentam as festas e diz: *desenhei o paredão... Acho ruim e não gosto, não.* Outro respondente informa que o paredão é bem representativo, pois *desde que moro aqui o que mais tem aqui pra falar é o*

paredão. Algo muito mencionado pelos jovens foram os resultados destas festas que deixam lixo e insatisfação por conta do barulho. Assim, inferimos que os conhecimentos geográficos relacionados a esta metáfora dizem respeito aos impactos ambientais da poluição do ambiente, da poluição sonora, as formas de descarte de lixo e sua coleta além da reciclagem.

Outro desenho representativo desta metáfora é o de J10, como retratado na figura 5.

Figura 5
Paredão.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2023.

Seu mapa afetivo articula as seguintes respostas:

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora
J10	Metafórico	<i>Pessoas dançando no paredão.</i>	<i>Barulhento e Movimentado.</i>	<i>Incômodo.</i>	<i>Se parece com uma grande festa mais provável com o carnaval, por causa da alegria e do som.</i>

O jovem explica: *desenhei o carro de som como de costume aqui e as pessoas felizes dançando. É uma felicidade para uns e é ruim para outras pessoas. Mas como alegria é importante, a maioria das pessoas gosta.* De acordo com Agra e Nakagawa (2020, p. 278), "paredão" é o nome dado ao aparato eletrônico composto por uma plataforma vertical acoplada a um veículo, que funciona como um grande propagador de som. Portátil, pode ser levado de um lugar a outro (...).". Trata-se de uma festa muito comum em periferias urbanas brasileiras e que se estendem, segundo estes pesquisadores, para cidades pequenas no interior dos Estados sendo semelhante ao movimento de expansão dos 'bailes funk', por exemplo.

Muito embora "essa festa móvel – pode ir ali, aqui, acolá – frequentada por um público jovem e normalmente associada ao crime e ao tráfico de drogas pelo senso comum" (Agra e Nakagawa, 2020, p. 279), toma outra conotação na visão e entendimento de seus organizadores. De qualquer forma, mesmo existindo regras e procedimentos a serem seguidos para a realização das festas tipo paredão, existe segundo Agra e Nakagawa (2020, p. 293) "o risco sempre iminente da perda de controle quando da irrupção do espaço acústico", conforme mencionado pelos jovens respondentes.

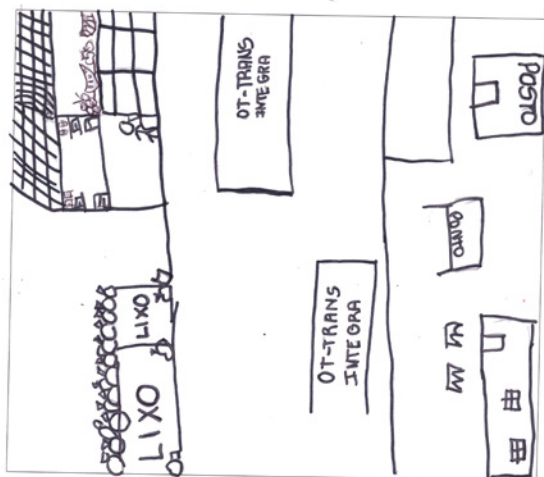
Todas estas questões convergem para uma relação entre a Geografia e a Educação Ambiental, como aponta Fernandes (2008, p. 2) quando afirma que "a educação ambiental é apresentada a partir da possibilidade de ação local, através de práticas e reflexões que resultariam no desenvolvimento da crítica acerca dos temas ambientais". Neste sentido, ressalta-se a importância do trabalho de campo para o ensino de Geografia na educação básica e na construção de habilidades adequadas à compreensão das questões ambientais associadas. Inclusive outro respondente diz que algo representativo do bairro é *feira, muita feira porque é incomodativo demais, suja também demais e a falta de saneamento piora tudo*. Assim, a metáfora *bairro-feira* pode ser articulada à metáfora *bairro-desarrumação*, apresentada a seguir.

d) Metáfora *bairro-desarrumação*

A metáfora do *bairro-desarrumação* está vinculada à categoria destruição que como já afirmado, faz referência às questões pouco agradáveis, que deixam os jovens desconfortáveis a exemplo do lixo exposto nas ruas e falta de bons serviços públicos no bairro. No entanto, é importante mencionar que nesta metáfora também incluímos questões da topografia local, tendo em vista que muitos respondentes mencionaram este aspecto em seus discursos. Desta forma, palavras como *desarrumação*, *poluição*, *moradias*, *ruas/becos/vielas/ladeiras* integram esta metáfora.

A respondente J4 informa que considera a *entrada da Engomadeira muito significativa no sentido de que fala um pouco do que eu falei, né. Tem a questão da movimentação do comércio. Me incomoda muito aquela desorganização* e seu mapa afetivo retrata a entrada do bairro, evidenciando o incômodo da jovem com a desorganização do espaço do bairro, como observamos na figura 6. A metáfora *bairro-desarrumação* sugere o trabalho com os seguintes conhecimentos geográficos: o crescimento urbano desordenado, o saneamento básico, o relevo e a topografia do lugar, a vegetação e a cidadania.

Figura 6
Os feirantes.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2023.

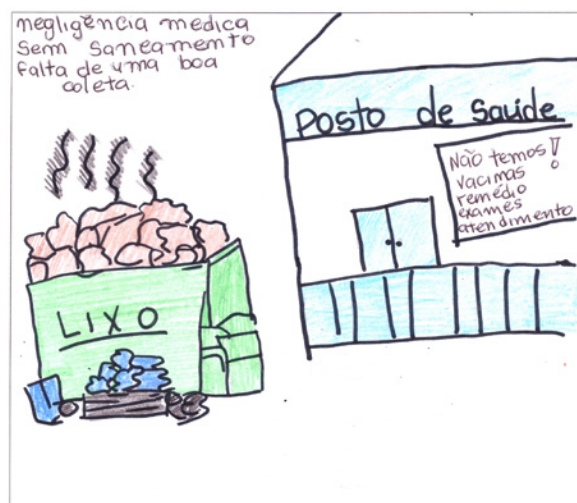
Seu mapa afetivo articula as seguintes respostas:

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora
J4	Mapa	A movimentação do comércio, na entrada do bairro. Os feirantes que é uma das coisas mais marcantes que tem aqui.	Variedade de Comércio.	Insatisfação.	Parece uma aglomeração porque é muito movimentado, desorganizado e cheio de pessoas.

A respondente J15 informa: *desenhei o que não gosto do bairro. A falta de coleta de lixo adequada e desenhei também sobre o posto de saúde, a falta de um bom atendimento, a negligência médica dentro do posto, conforme evidenciado na figura 7. Esta jovem em particular, apresenta um olhar bastante crítico no sentido de articulação com o poder público mesmo não sendo vinculada a uma instituição política, conforme ela mesma diz: *costumo participar de projetos sociais aqui e costumo observar e dar ideias ao pessoal que tem mais envolvimento com a política. Eu tento observar coisas que infelizmente elas não podem ver porque não convivem tanto assim e trago sugestões do que melhorar no bairro. Este aspecto possui relação com o que Junta e Lastória (2014, p. 3), afirmam tendo em vista um "movimento dialético em que o sujeito observa atentamente, as relações que ocorrem em seu entorno (...). E a partir dessa observação, é possível fazer reflexões acerca da ocupação do espaço".**

Figura 7

Negligência e Saneamento.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2023.

Seu mapa afetivo articula as seguintes respostas:

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora
J15	Metafórico	Falta de coleta de lixo e a negligência no atendimento do posto de saúde.	Desorganização.	Chateação.	Se parece com um caldeirão que pode explodir a qualquer hora.

Especificamente sobre a relação da Geografia com a formação cidadã, alguns documentos oficiais como os Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1998), por exemplo, destacam o papel fundamental da disciplina na formação do cidadão, enfatizando que os alunos e alunas tornem-se “seres pensantes”, capazes de analisar o real, expor causas e efeitos, visando entender o contexto espacial dos fenômenos que configuram cada sociedade, buscando, assim, transformar seu local de vivência. Este entendimento corrobora com o que Carvalho Filho, Lastória e Claudino (2022) afirmam quando dizem que a cidadania é a materialização de práticas em convivência do cidadão e se estende a todos como seus beneficiários.

e) Metáfora *bairro-conflito*

Esta metáfora está relacionada à categoria insegurança que faz referência aos vínculos sociais estabelecidos de maneira negativa relacionado à questão da violência urbana. Desta forma, reúne palavras mencionadas pelos respondentes tais como violência, tiroteio, tráfico. A respondente J13 menciona a violência existente comparando o bairro da Engomadeira com um Estado brasileiro: *se parece com o Rio de Janeiro, infelizmente rola muito tiro aqui, a questão da violência* conforme evidenciado na figura 8. Outros respondentes mencionaram esta questão a exemplo do J7 que afirma que *o que menos gosto é o tiroteio, as atividades policiais*. Ou o respondente J3 que diz *não gosto do perigo que tem aqui*.

Figura 8
Tiroteio.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2023.

Seu mapa afetivo articula as seguintes respostas:

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora
J13	Metafórico	<i>A violência que tem no bairro, algumas vezes.</i>	<i>Tranquilo e Violento.</i>	<i>Paz e confusão.</i>	<i>Se parece com o Rio de Janeiro, infelizmente rola muito tiro aqui, a questão da violência.</i>

Outro respondente informa que se tivesse que explicar para uma pessoa que não mora no bairro, como é morar lá: *eu ia falar que é um lugar bom, porém às vezes tem alguma coisa mais perigosa assim que é melhor não chegar muito perto, nem sair de casa. A minha rua é tranquila dia de semana, mas no final de semana tem muita festa e muito tráfego.* E mesmo com a violência sendo explicitada desta forma, alguns respondentes destacam que no bairro *não pode roubo nem assalto* (J3). Segundo outro respondente: *eu diria que é seguro até a polícia entrar porque aqui a gente não tem muito hábito de ver assalto porque é bem tranquilo. Eu mesmo vinha da Universidade dez horas da noite, com o celular na mão. Eu acho que aqui é um local que por mais que seja favela, é um local relativamente seguro.* (J7), o que se constitui como uma contradição, pois, ao mesmo tempo em que afirmam que o bairro é tranquilo destacam a violência existente.

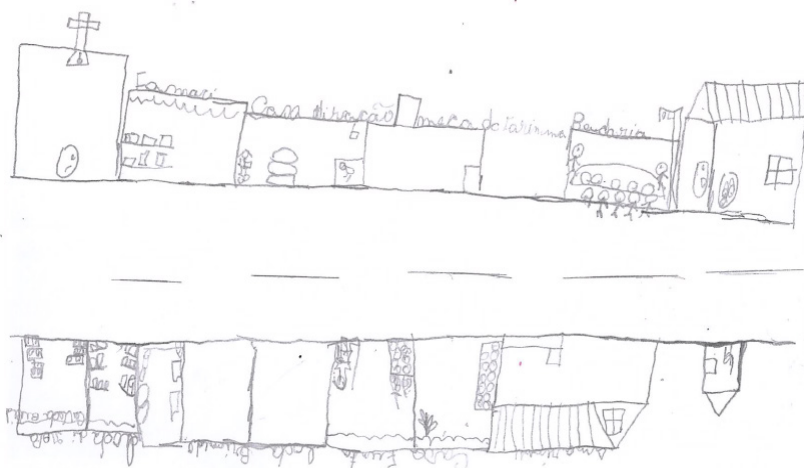
Nesta metáfora inferimos que a urbanização e a violência figuram como conhecimentos geográficos a serem trabalhados. Segundo Silva e Melo (2018, p. 10), a Geografia insere-se nesta problemática uma vez que é uma ciência centrada no estudo dos fenômenos e nas práticas sociais. Neste sentido, a abordagem geográfica busca criar possibilidades para "dinamizar o ensino, sobretudo incorporando às aulas os aspectos da dinâmica social, sendo o espaço urbano um lócus importante para ensinar o tratamento de temáticas específicas como a violência". O fenômeno da violência é atual, identificado no espaço urbano, sendo que o debate acadêmico tem se voltado para uma preocupação com as crianças, jovens e adolescentes na relação comunidade/escola. Como objeto social complexo e dinâmico, inclui as dimensões do tempo-espaço exigindo-se uma perspectiva interdisciplinar.

f) Metáfora bairro-comércio

A metáfora bairro-comércio relaciona-se à categoria atração e indica pontos fortes do bairro e que costumam atrair as pessoas de forma positiva. O comércio local configura-se como uma atração. O mapa afetivo de J12 (figura 9) retrata o comércio local, as várias lojas existentes no bairro, sendo este comparado a um "grande centro" porque é conhecido como o lugar onde se encontra de tudo. Segundo a respondente, *a questão da gente aqui conseguir achar tudo na Engomadeira, de ser um bairro que tem uma variedade muito grande de mercado, padarias e tal, acho isso uma vantagem muito grande.* Neste sentido, as relações comerciais estabelecidas, comércio formal e informal, assim como a ideia de centro e periferia, poderiam ser abordados como conhecimentos geográficos a partir desta metáfora.

Vale dizer que a palavra 'centro' foi utilizada também relacionada à Engomadeira como um ponto de encontro de vários outros bairros no sentido de que existe uma interligação entre as ruas deste bairro com outras de outras localidades no entorno, como nos diz um dos respondentes: *a Engomadeira é um grande centro... não sei explicar, mas parece um centro, tudo dá na Engomadeira. Se você está na Engomadeira você sai nas Barreiras, no ACM... Parece um ponto de encontro, então por isso eu acho a Engomadeira um centro, é tipo um centro do Cabula.* Neste ponto, inferimos que a topografia do bairro também integra o rol de conhecimentos geográficos que potencialmente podem ser trabalhados considerando esta metáfora.

Figura 9
Comércio.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2023.

Seu mapa afetivo articula as seguintes respostas:

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora
J12	Mapa	As várias lojas existentes no bairro.	Variedade de Comércio.	Bem estar.	A Engomadeira se parece com um grande centro porque aqui é conhecido como o lugar onde se acha de tudo.

A fala desta respondente foi complementada quando ela disse que a Engomadeira é *um local que você encontra de tudo - se tiver a procura de projeto, você vai encontrar projeto; se você tiver a procura de coisa ruim, você também vai achar. Então é um lugar que você encontra o que você quiser*. Para Silva (2014, p. 150), a abordagem sobre a questão do comércio envolve a sua relação com o consumo, sendo que para o autor

as formas do comércio e o consumo tornam-se elementos da realidade que auxiliam a compreensão do movimento geral de reprodução do espaço geográfico. Em outras palavras, destacamos que no âmbito das pesquisas em geografia, em sua vertente crítica, o comércio e o consumo não têm o fator econômico como elemento central das análises, mas sim a dimensão social que essas formas engendram e, ao mesmo tempo, permitem revelar o movimento de reprodução do espaço geográfico.

Logo, esta metáfora auxilia na reflexão sobre as relações comerciais a partir de diferentes vieses considerando, por exemplo, o momento histórico e os modos de vida, a estrutura social, os padrões de consumo de uma determinada época com ênfase no diálogo estabelecido entre as formas comerciais e de consumo além das formas de apropriação e reprodução do espaço geográfico.

Considerações Finais

Este artigo discutiu a produção de conhecimentos geográficos por jovens moradores de periferias urbanas a partir da construção de mapas afetivos considerando a seguinte questão:

como os mapas afetivos potencializam a produção de conhecimentos geográficos? Ao longo do texto foram explicitados os resultados da investigação realizada junto com jovens moradores do bairro Engomadeira localizado na cidade de Salvador, no Estado da Bahia no Brasil. Diante do exposto foi possível observar a emergência de conhecimentos geográficos na relação afetiva do sujeito com o lugar.

Os mapas afetivos traduziram a expressão dos afetos dos jovens participantes no presente estudo, com relação ao lugar por meio de desenhos, metáforas e discursos que se apresentaram como expressões de emoções manifestadas. Diante destas foi possível elencar categorias: pertencimento, atração, destruição e insegurança. Todos os elementos integraram uma construção afetivo-cognitiva reveladora dos vínculos sociais existentes. Desta forma, as metáforas apontadas como a do *bairro-desarrumação*, *bairro-acolhimento*, *bairro-conflito*, *bairro-história*, *bairro-festa*, *bairro-comércio* traduziram a relação estabelecida entre os sujeitos e o bairro da Engomadeira.

Os conhecimentos geográficos potencialmente emergidos destas metáforas traduzem-se em sentidos, produções e significações dos sujeitos e evidenciam tessituras múltiplas de conhecimentos enredados no lugar convergindo para a construção de aprendizagens. Vale dizer que estes conhecimentos produzidos não obedecem a uma lógica pronta e acabada sendo subversivo no sentido de ser imprevisível, pois não podemos prever as relações que podem ser feitas pelos sujeitos em seu cotidiano, a partir de suas vivências e experiências. Com o corpo, agimos no lugar, intervimos nos impregnando das marcas de nossas descobertas que extrapolam a objetividade e estão cheias de subjetividades, corporificados, assinalados no corpo/mente/sentimento dos sujeitos com o espaço que edificam suas "teias de significados e criam, efetivamente, a realidade" (Spink, 1993, p. 303).

Não por acaso, ao longo do texto e da apresentação dos mapas afetivos produzidos, voltamos a dizer, resultantes das experiências, vivências, relações e práticas sociais e espaciais cotidianas, foram elencados alguns conhecimentos geográficos: apropriação e a transformação do espaço geográfico; ações antrópicas; crescimento populacional; paisagem natural; modo de vida em diferentes lugares; rede urbana; diferenças étnico-raciais e étnico-culturais; desigualdades; território e territorialidades; poluição sonora e ambiental; descarte de lixo e sua coleta; reciclagem; crescimento urbano desordenado; saneamento básico; relevo e a topografia do lugar; vegetação; cidadania; relações comerciais; comércio formal e informal, entre outros.

As discussões e reflexões aqui realizadas remetem-nos a um enfoque de trabalho pedagógico por meio das ações cotidianas, pois, é nelas que encontramos o sentido da pertença social e do interrelacionamento entre os sujeitos através das necessidades de articulações com o mundo da vida. Sugere-se, pois, agregar ao processo educativo, a ação criativa que amplia as possibilidades e produz sentido ao ato de ensinar e aprender. Assim, o trabalho com a disciplina de Geografia, nesta perspectiva, deve considerar as conexões e tramas das relações estabelecidas nos cotidianos no/do/com/o bairro.

Até porque, como nos diz Oliveira (2008), a Geografia terá legitimidade ao estabelecer um diálogo com o mundo real e comprometer-se com a leitura e as transformações das realidades. Significa dizer que ensinar e aprender Geografia deve ir além de uma abordagem tradicional

de memorização, passando a articular e reificar os conhecimentos emergidos com a realidade social para a interpretação de mundo. A problematização pode ser um caminho.

Esta problematização pode ser iniciada com a observação, apropriação e discussão das práticas socioespaciais emergidas nos mapas afetivos que retratam o espaço vivido do bairro assim como o (re)conhecimento destas práticas como legítimas e autorais. A mediação docente é fundamental para aproximar a Geografia da realidade e do contexto dos estudantes, com a perspectiva de ampliar e/ou fortalecer as relações entre os sujeitos e a localidade, produzindo conexões e ampliando as redes de conhecimentos existentes, numa dinâmica prospectiva. Sendo assim, ao propor entender o bairro onde moro e a tessitura de conhecimentos geográficos pela construção de mapas afetivos apostamos num ensino de Geografia como expressão da vida cotidiana.

Referências

- Agra, L. A. & Nakagawa, R. M. de O. (2020). A cena do “paredão”: festas móveis no Recôncavo da Bahia. *Revista Landa*, 9(1), 278-295. <https://repositorio.ufsc.br>.
- Alves, G. da A. (2019). A produção do espaço a partir da tríade lefebvriana concebido/percebido/vivido. *GEOUSP Espaço e Tempo (Online)*, [S. l.], v. 23, 3, 551-563. <https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/163307>.
- Azevedo, M. O. de & Olanda, E. R. (2018). O ensino do lugar: reflexões sobre o conceito de lugar na Geografia. *Ateliê Geográfico - Goiânia-GO*, 13,3, 136-156. <https://revistas.ufg.br/atelie/article/view/57540/32762>.
- Bomfim, N. R. & Correia, S. L. C. P. (2022). *Interfaces: Representações Socioespaciais, Geotecnologias e Formação de Professores*. UEFS Editora; Editus.
- Bomfim, N. R. (2004). *Représentations sociales de l'espace et l'enseignement et l'apprentissage de la géographie scolaire: le cas des élèves favelados d'une ville du nord-est du Brésil*. Universidade do Quebec em Montreal, Montreal (Canadá).
- Bomfim, Z. Á. C. (2010). *Cidade e afetividade: estima e construção dos mapas afetivos de Barcelona e de São Paulo*. Editora da Universidade Federal do Ceará.
- Carneiro, P. A. S. & Matos, R. E. da S. (2012). Encontros e Desencontros entre Geografia e História e Tendências na Geografia Histórica Anglo-Saxã. *Espaço Aberto*, 2, 2, 33-50. <https://revistas.ufrj.br/index.php/EspacoAberto/article/view/2088/1855>.
- Carvalho Filho, O. R. de & Lastória, A. C. & Claudino, S. (2022). O Projeto Nós Propomos! no Estado de São Paulo/Brasil: Educação para a vida através da promoção da cidadania. *Didáctica Geográfica*, 23, 201-220. <https://doi.org/10.21138/DG.662>
- Carvalho Filho, O. R. de. (2022). *O ensino de geografia e o estudo do local: o “Projeto Nós Propomos!” no estado de São Paulo/Brasil*. Atena. <https://falagrupoelo.blogspot.com/p/publicacoes.html>.
- Farias, T. M. & Pinheiro, J. Q. (2013) Vivendo a Vizinhaça: interfaces pessoa-ambiente na produção de Vizinhaças “Vivas”. *Psicologia em Estudo*, 18, 1, 27-36. <https://www.scielo.br/j/pe/a/tc-v8y5WHx8xq5sKLQ8TJMhF/?format=pdf&lang=pt>
- Fernandes, S. A. de S. (2008). *Educação Ambiental no ensino de geografia: algumas possibilidades de abordagem*. XII Semana de Geografia e História - Ribeirão Preto-SP. <https://falagrupoelo.blogspot.com/p/publicacoes.html>.
- Heller, A. (1989). *O Cotidiano e a história*. Paz e Terra. https://www.academia.edu/41303930/O_Cotidiano_e_a_Hist%C3%B3ria_Agnes_Heller.

- Jesus, L. E. S. de. (2021). Periferia, um termo crítico: distanciamentos espaciais, sociais e simbólicos nas cidades. *Revista Movimentos Sociais e Dinâmicas Espaciais*, 10, 58-78. <https://periodicos.ufpe.br/revistas/>.
- Junta, D. B. & Lastória, A. C. (2014). Cartografia escolar nos anos iniciais. Encontro de Práticas de Ensino de Geografia da Região Sul, 2, *Anais eletrônicos...* <http://anaisenpegsul.paginas.ufsc.br/>.
- Lastória, A. C. & Mello, R. C. de. (2008). Cotidiano e lugar: categorias teóricas da história e da geografia escolar. *Universitas*, 4, 27-34. <https://falagrupoelo.blogspot.com/p/publicacoes.html>.
- Lefebvre, Henri. (2006). *A produção do espaço*. (6a ed.). La production de l'espace. 4. ed. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Editora UFMG. http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/02_arq_interface/1a_aula/A_producao_do_espaco.pdf.
- Ministério da Educação. (1998). Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Brasil. <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/cienciah.pdf>.
- Sartorio, S. L. & Godoy, A. C. de. & JUNTA, D. B. (2011). Geografia e História na localidade: a experiência de uma visita prévia de professores antes do estudo do meio. *XI Encontro Nacional de Práticas de Ensino de Geografia*. <https://falagrupoelo.blogspot.com/p/publicacoes.html>.
- Silva, C. H. C. da. (2014). Estudos sobre o comércio e o consumo na perspectiva da geografia urbana. *Geosul*, 29, 58, 149-178. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/download/26590/28843/124945>.
- Silva, E. S. da & Melo, J. A. B. de. (2018). Ensino de Geografia, Violência Urbana e sua relação com a pichação e a grafiteagem no espaço escolar. *Geosaberes: Revista de Estudos Geoeducacionais*, 9, 19. <https://www.redalyc.org/journal/5528/552857130009/html/>.
- Souza, C. B. G. (2009). A contribuição de Henri Lefebvre para reflexão do espaço urbano da Amazônia. *Confins* [Online], 5. <https://doi.org/10.4000/confins.5633>.
- Spink, M. J. (1993). O conceito de Representação Social na Abordagem Psicossocial. *Caderno Saúde Pública*, 9(3): 300-308. <https://www.scielo.br/j/csp/a/3V55mtPK8KXtksmhbkctkj/abstract/?lang=pt>
- Trancoso, A. E. R. & Oliveira, A. A. S. (2014). Juventudes: desafios contemporâneos conceituais. *Estudos Contemporâneos da Subjetividade*, 4, 2, 262-273. www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/1371/1048.
- Trindade, G. A. (2021). Do conhecimento geográfico à Geografia enquanto ciência: o sentido do ensino de geografia na formação dos sujeitos sociais. *RLAHIGE*, 1, 1, 226 -246. <https://periodicos.uesc.br/index.php/rlahige/article/download/3299/2181/>.
- Tuan, Y. (1980). *Topofilia: um estudo da percepção, atitude e valores do meio ambiente*. DIFEL. https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7471096/mod_resource/content/1/TUAN%2C%20Yi-Fu.%20Topofilia.pdf.
- Vinuto, J. (2014). A amostragem em Bola de Neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto, *Temáticas*, 22, (44): 203-220. <https://econtents.bc.unicamp.br/>.
- Zaluar, A. & Ribeiro, A. P. A. (2009). Teoria da eficácia coletiva e violência. O paradoxo do subúrbio carioca. *Novos estud. - CEBRAP*, 84, 175-196.

Contribución de autorías · Authorship contributions

Todas las personas firmantes han contribuido por igual en la investigación y la elaboración de este trabajo.

Conflito de interesses · Conflict of Interest

Os autores declaram não haver conflito de interesses associado a este trabalho.